

Lição 4 – Fascismo, mentira manifesta e fake news

Sinésio Ferraz Bueno

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BUENO, S. F. Fascismo, mentira manifesta e fake news. In: *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 43-50. ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

LIÇÃO 4

FASCISMO, MENTIRA MANIFESTA E *FAKE NEWS*

Segundo Adorno, um dos elementos mais importantes para entender a eficiência do líder fascista em agregar multidões está na completa desconexão entre os conteúdos de seu discurso e a realidade objetiva. O discurso do líder fascista é mentira manifesta, isto é, ele consiste em um conjunto de dispositivos retóricos veiculados de maneira repetitiva e monótona, que não têm nenhuma pretensão de corresponder à verdade. Pelo contrário, é justamente o cinismo ostensivo do discurso fascista, em sua cumplicidade com os mais diversos tipos de preconceito e de distorção da realidade, que explica sua eficiência como veículo de união grupal. Quando um indivíduo se esforça em compreender a realidade mediante o trabalho da razão, ele se torna uma pessoa acessível à argumentação e à honestidade intelectual. Mas o fascismo se caracteriza justamente pela corrosão sistemática dessa capacidade. O discurso fascista dissemina preconceitos os mais diversos, satisfazendo a necessidade dos seguidores de se sentirem recompensados emocionalmente graças à perpetuação do cativo do espírito. É por esse motivo que os seguidores do fascismo se tornam

avessos a argumentos objetivos que possam contrariar suas crenças preexistentes.

Em um texto denominado *Opinião, loucura, sociedade*, Adorno (1969, p.40) diferenciou a consciência verdadeira, que é autônoma, aberta a experiências e ao conhecimento objetivo da realidade, da opinião patológica, que é formada por predisposições subjetivas baseadas em preconceitos e ideias conspiratórias ou persecutórias. As opiniões patológicas são sobrecarregadas emocionalmente por elevado teor narcísico, pois não se constituem somente como opiniões desinteressadas, mas se tornam “elemento integrante da própria pessoa”. As opiniões patológicas são a matéria-prima do aparato ideológico do fascismo, e seu caráter de apoderamento emocional converte opiniões contrárias em autênticas agressões pessoais. Adorno destaca que uma pessoa ignorante, que se deixa envolver pelo espectro das opiniões patológicas, torna-se capaz de investir energias de natureza emocional que são superiores à sua própria capacidade intelectual: “a inteligência empregada no mundo para proteger o narcisismo das opiniões insensatas provavelmente seria a mesma necessária para modificar o que se defende” (ibidem, p.140).

As mentiras manifestas, ou opiniões patológicas, são acompanhadas de forte investimento emocional de natureza narcísica, o que significa que, além de não pretenderem corresponder à verdade, elas são imunes a contestações racionalmente razoáveis. Dessa forma, a mentalidade fascista caracteriza-se por uma atrofia cognitiva emocionalmente induzida que a torna praticamente invulnerável a argumentos objetivos, pois ela se baseia na pura e simples disseminação de inverdades, ilusões e delírios persecutórios. Mas se a mentira manifesta se constitui como elemento fundamental na disseminação da mentalidade fascista e se, em virtude disso, o espírito cativo se torna autoimune a contestações

objetivas de seus preconceitos e opiniões, é forçoso admitir que ele convive em estado de permanente sobressalto frente a informações objetivas que são divergentes de suas crenças preestabelecidas. Isso implica a necessidade permanente de proteção emocional perante argumentos divergentes. Essa condição explica por que, no momento histórico da pandemia por Covid-19, o fascismo se apoiou na divulgação de notícias falsas e no clima avassalador de negacionismo científico.

Compreender a mentira manifesta como elemento integrante e indissociável da mentalidade fascista é fundamental para o entendimento da síndrome autoritária atualmente reinante na sociedade brasileira. Do ponto de vista cultural, a mentira manifesta se revela no atual momento histórico pela propagação de *fake news*, que se constituem como notícias ou comentários explicitamente destituídos de conteúdo de verdade. A esse respeito, é preciso considerar que a ampla disseminação de informações falsas avidamente consumidas pelo grande público não se deve pura e simplesmente a uma suposta ingenuidade ou carência formativa, pois pode ser explicada em função de demandas irracionais que são intrínsecas à mentalidade fascista. É possível afirmar que fascismo e *fake news* são elementos indissociáveis um do outro. Se o cinismo é um elemento fundamental da atmosfera fascista, isso quer dizer que é completamente irrelevante que opiniões patológicas e preconceitos não encontrem fundamento objetivo na realidade, uma vez que a própria dissociação entre o conteúdo e sua correspondência com a verdade se torna essencial como veículo de distorção sistemática da verdade.

Pesquisas recentes no campo da psicologia social e da neurociência atualizam a análise do fascismo realizada por Adorno nos 1940. Nessa área de pesquisa, o conceito de dissonância cognitiva desempenha um papel explicativo

essencial para a compreensão da síndrome fascista nas sociedades contemporâneas. De acordo com esse conceito, sempre que um indivíduo é confrontado com argumentos que contrariam suas convicções profundamente arraigadas, ele se vê diante de um estresse emocional provocado por duas cognições dissonantes. Uma delas se origina de fatos objetivos consistentemente embasados em uma narrativa racional e coerente, e outra se origina de preconceitos emocionalmente motivados. Se esse indivíduo é uma pessoa emocionalmente equilibrada e aberta a experiências autônomas, ele não terá dificuldade em assimilar as novas informações e rever suas próprias convicções. Mas para uma pessoa inclinada ao fascismo, isso se torna impossível, pois o tipo de gratificação narcísica que lhe é característica exige justamente a desconexão entre opiniões pessoais e a realidade objetiva. Quando a dissonância cognitiva se instala em seus processos mentais, esse indivíduo recorre a uma discriminação cognitivamente enviesada das informações disponíveis, privilegiando somente aquelas que proporcionam a manutenção de suas crenças e preconceitos.

Na sociedade contemporânea, notadamente desde a eleição de Donald Trump e Jair Bolsonaro, e igualmente no contexto pandêmico do início da década, a manipulação de *fake news* se tornou um elemento essencial para a disseminação da mentalidade fascista, pois a necessidade emocional de proteção contra o estresse causado pela dissonância cognitiva encontra nas notícias falsas um forte instrumento de apoderamento narcísico. As *fake news* se constituem como instrumento muito oportuno para que o indivíduo desenvolva um estilo cognitivo de apropriação de informações fortemente enviesado e determinado por impulsos psicológicos que tendem a perpetuar o cativeiro do espírito. A disseminação de notícias falsas obedece ao princípio do raciocínio motivado, em que o indivíduo

privilegia somente as informações que possam se prestar ao papel de reforçar suas opiniões preexistentes.

Processamos informações que estejam de acordo com nossas crenças de forma muito distinta da maneira que processamos as que contradizem nossas convicções. Assim, se nos deparamos com uma informação que “bate” com o que já acreditamos ou queremos que seja verdade, rapidamente a aceitamos como verdadeira, factual, e vida que segue. Por outro lado, quando somos expostos a dados que entram em contradição com uma crença consolidada, tendemos a examiná-los muito mais profundamente. Imediatamente, buscamos encontrar falhas (ainda que inexistentes) nessa nova informação para podermos descartá-la e, conseqüentemente, mantermos nossas crenças, potencialmente equivocadas. Eis o raciocínio motivado, fenômeno há décadas conhecido pela psicologia social e, mais recentemente, comprovado pela neurociência. (Carvalho, 2019, p.3)

Um tipo de falácia lógica muito comum ao raciocínio motivado é o argumento *ad hominem*, que consiste na desqualificação da fonte originadora de informações ou opiniões discordantes em detrimento do conteúdo em si mesmo. A discussão é desviada a elementos externos logicamente irrelevantes, mas que são empregados para deslegitimar, de maneira falaciosa, a validade do próprio argumento. O aspecto dramático implícito em debates fomentados pela disseminação de *fake news* está no fato de que a tentativa de correção de informações, em vez de se prestar à mudança de opinião por parte do indivíduo que propaga notícias falsas, realiza o efeito contrário, denominado como efeito *backfire*. A tentativa de convencer uma pessoa propensa à mentalidade fascista de que ela está errada, mediante a apresentação de argumentos objetivos

que desmentem seus preconceitos, pode torná-la ainda mais convicta, em virtude de sua imunização prévia a argumentos de natureza racional:

No âmbito da política, que tem como motor as ideologias e paixões humanas, não faltam exemplos de racionalização de “evidências” que levam ao efeito *backfire* de forma coletiva. Em um cenário de intensa polarização política, quase tudo é politizado e não seria diferente com os aspectos que envolvem a pandemia de coronavírus. Nesse contexto, um exemplo do efeito *backfire* coletivo pôde ser observado nos que passaram a minimizar a pandemia, buscando equivaler a Covid-19 a uma gripe comum. (Carvalho, 2020)

As tendências emocionalmente agressivas da personalidade e suas inclinações acentuadamente projetivas são duas características essenciais da síndrome fascista para a explicação da eficiência na divulgação de *fake news*. A integração entre projetividade emocional e destrutividade permite compreender, na popularização da mentira manifesta, o forte apelo a teorias conspiratórias e ao negacionismo científico, que se tornou muito comum por ocasião da pandemia. A incapacidade de elaborar internamente a presença ameaçadora do estranho que é ao mesmo tempo familiar, conduz aos preconceitos projetivos que já analisamos, suscitando também desejos destrutivos que são projetados no Outro. A vítima da perseguição fascista é representada mediante traços de inferioridade, mas também por supostas intenções de malignidade, destrutividade ou até de domínio do mundo. O Outro é completamente despojado de características reais, transformando-se em tela projetiva de fantasmas alucinatórios associados à inferioridade e à destrutividade, cuja origem emocional está no próprio sujeito do preconceito.

Ideologias fascistas invariavelmente se justificam por teorias conspiratórias covardemente atribuídas aos segmentos sociais que são alvo da perseguição ou a elementos estrangeiros convenientemente associados a desejos destrutivos:

O caráter totalitário não se atreve a confessar o desejo de destruição e, por isso, projeta-o sobre o inimigo escolhido ou inventado para esse fim, sendo sempre representado como um ser igualmente inferior ou perigoso. Assim nascem as “conspirações” e outras coisas misteriosas e obscuras que circulam pelo mundo; e o caráter “decadente” das vítimas escolhidas intervém sempre como argumento dos carrascos totalitários de qualquer espécie, para justificar a eliminação daquelas. (Horkheimer; Adorno, 1978, p.179)

No contexto social da pandemia por Covid-19 a divulgação maciça de notícias falsas em redes sociais concentrou-se na desqualificação do conhecimento científico, mediante a disseminação dos mais diversos tipos de boato e de informações inverídicas sobre formas de prevenção e de cura da doença. Esse tipo de inverdade, que se tornou conhecida como “negacionismo científico”, espelha uma característica central da síndrome fascista, que se relaciona ao ressentimento perante todo tipo de manifestação da cultura que possa se prestar à valorização da vida. Tanto quanto as teorias conspiratórias, a desqualificação do conhecimento científico atesta o mais profundo desprezo do fascismo frente às promessas de emancipação que estão indissociavelmente relacionadas com o progresso da ciência e da cultura em geral. O fascista cultiva certo orgulho ressentido de sua própria ignorância, expressando um desprezo masoquista pelos potenciais de autonomia que são intrínsecos à cultura. Seu

ressentimento é perverso, pois se volta justamente contra os elementos que poderiam dissolver tamanha frieza de espírito e eventualmente despertar sua consciência acerca da regressão em que se encontra.